

O Castro da Curalha

7.^a Campanha de escavações — 1981

POR

Adérito Medeiros Freitas *

Prof. efectivo da E. S. Martins Sarmento, Guimarães
sócio da Soc. Portug. de Antrop. e Etnologia

e

J. R. dos Santos Júnior **

Professor catedrático jubilado da F. C. da Univ. do Porto
Bolseiro do Inst. Nac. de Investigação Científica
Presidente da Soc. Portug. de Antrop. e Etnol.

Tarefa em Setembro de 1981 por A. M. F.

Os trabalhos de conservação e reconstrução no Castro da Curalha (7.^a campanha) decorreram nos dias úteis de Segunda a Sexta-Feira, entre 1 e 30 de Setembro. Foram interrompidos nos dias 23, 24 e 25 a fim de realizarmos idêntico trabalho no chamado «Castelo do Mau Vizinho».

A campanha foi orientada superiormente pelo Prof. Doutor Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, coadjuvado por Adérito Medeiros Freitas, licenciado em Ciências Geológicas e professor da Escola Secundária Martins Sarmento (Guimarães). Participaram nesta campanha:

Luís Albino dos Santos Lemos, António Jorge Medeiros Ribeiro, Joaquim Augusto dos Santos e José Manuel Machado Oliveira.

* Rua Dr. Saraiva Brandão, 260-8.º Dto. — 4800 Guimarães.

** Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

Os quatro trabalhadores referidos totalizaram 520 horas de serviço.

Todo o trabalho de reconstrução das muralhas e casas não é possível sem que, primeiramente, se proceda ao corte do mato que, de um modo impressionante, cresce dentro e fora da muralha central.

A partir de 1978 iniciámos o corte numa faixa relativamente estreita, exteriormente àquela muralha. A descoberta de um segundo reduto muralhado a E, N e W levou-nos a alargar, ano após ano, esta área de devaste.

Nesta última campanha (Setembro de 1981) fizemo-lo numa extensão superior a 100 m e numa largura de 25 a 30 m.

O mato é constituído, principalmente, por carvalhos, giestas e pinheiros que atingem, muitas vezes, espessa camada com mais de 3 m de altura. Após o corte, foi necessário proceder à sua remoção para áreas inferiores da vertente norte, ainda com mato por cortar, trabalho moroso e difícil.

Como resultado do corte deste mato numa área mais alargada em volta da muralha central e na vertente voltada para muralha foi posta a descoberto, quase na totalidade, uma segunda linha de muralha, menos larga e que apresenta ainda, nalguns troços, uma altura superior a 2 m; é formada, em parte, por blocos de grandes dimensões, idênticos aos que formam um pequeno troço da muralha central (a NW).

Tudo parece indicar que esta segunda muralha não envolve inteiramente a muralha central. Os dados recolhidos apontam para a sua existência na vertente menos inclinada do monte (E, N e W), faltando a Sul. Possivelmente ela irá entroncar com a muralha central. Com o corte de todo o mato na vertente Sul, a efectuar na próxima campanha de 1982 pensamos poder negar ou confirmar esta hipótese. Além da não identificação até este momento, de outros redutos muralhados na vertente Sul, esta hipótese é ainda apoiada pelo facto de, quer a E, quer a W, a segunda muralha agora posta a descoberto, se aproximar cada vez mais da muralha central, o que significa que a distância entre estas muralhas não varia regu-

larmente. O máximo de afastamento verifica-se a NE onde parece formar, mesmo, um ângulo mais ou menos acentuado. É possível que existisse, aqui, uma porta; é nesta zona, no entanto, que esta segunda muralha se encontra mais destruída.

Entre as portas E e N a muralha central encontrava-se quase totalmente destruída numa extensão de, aproximadamente, 50 m (Fig. 5). Nalguns pontos mesmo, o alinhamento da sua face exterior era-nos apenas indicada pela presença

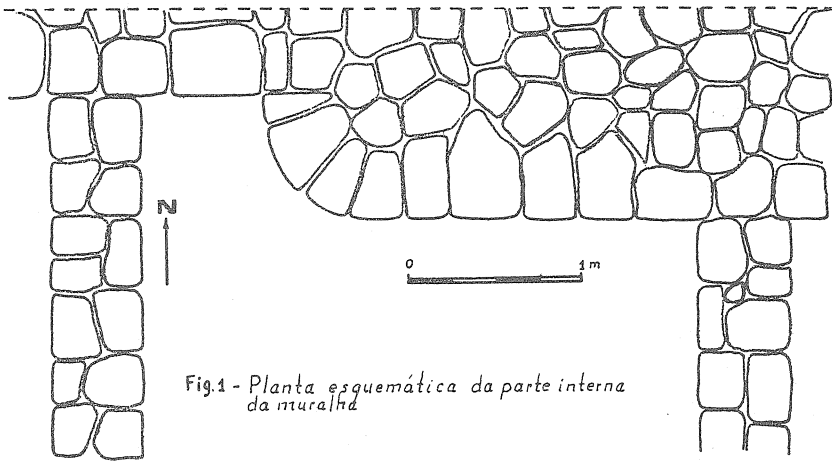


Fig. 1 - Planta esquemática da parte interna da muralha

de algumas pedras que fomos pondo a descoberto depois de um árduo trabalho de remoção de enormes quantidades de terra e pedras miúdas, que constituíam o miolo da muralha primitiva. Algumas pedras de grandes dimensões que faziam, certamente, parte desta muralha, encontram-se espalhadas na vertente sendo-nos impossível, com os meios que possuímos, repô-las no seu lugar; julgamos poder aproveitá-las para a reconstrução da segunda muralha.

Todo este troço da muralha central (cerca de 50 m) foi levantado até uma altura mínima de cerca de 1,5 m (Figs. 7 e 8). Convém não esquecer que toda a muralha central é muito

larga; neste troço reconstruído a sua largura varia entre 3,5 e 4,5 m. Para a realização deste trabalho foi necessário trans-

portar para o local, em braços ou numa padiola, quer de dentro quer de fora da muralha, toda a pedra necessária para formar a sua face exterior.

Como resultado deste trabalho surgiram, entestadas na face interna da muralha e a seguir às já existentes, novas casas rectangulares, ainda não totalmente delimitadas e, por tal motivo, ainda não esquematizadas (Fig. 10).

Numa dessas casas, onde a muralha se encontrava muito destruída internamente, encontramos, depois de removida toda a pedra até uma certa profundidade, um remate (Figs. 1, 9, 11 e 18) de contorno circular, com pedras muito bem trabalhadas, sendo o seu raio de curvatura de 70 cm. Este remate de contorno circular é de uma tal perfeição, que contrasta extraordinariamente com o que se verifica noutros troços desta muralha; é natural que este remate

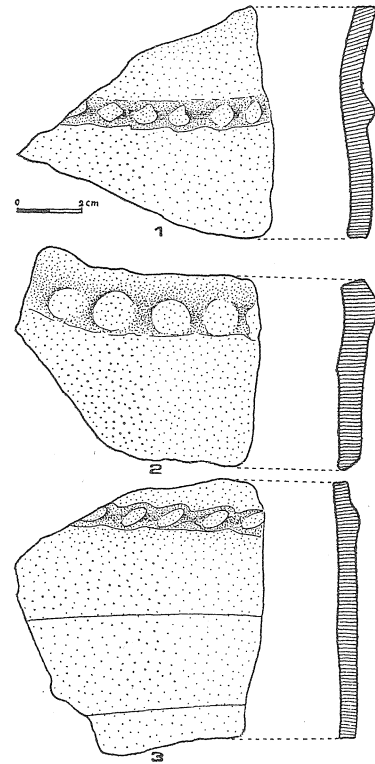


Fig. 2 — Fragmentos de cerâmica com cor, espessura e ornamentação diferentes.

seja um resto da muralha primitiva, enquanto que as porções menos aperfeiçoadas, corresponderiam a reconstruções, feitas à pressa, após períodos de assédio e destruição.

Não era de esperar uma grande quantidade e variedade de achados num trabalho desta natureza — corte de mato e reposição de pedras nas muralhas. No entanto, e tal como já

tem acontecido em anos anteriores, foi relativamente grande o número de fragmentos de cerâmica de cor, espessura e forma variada, além de outros materiais.

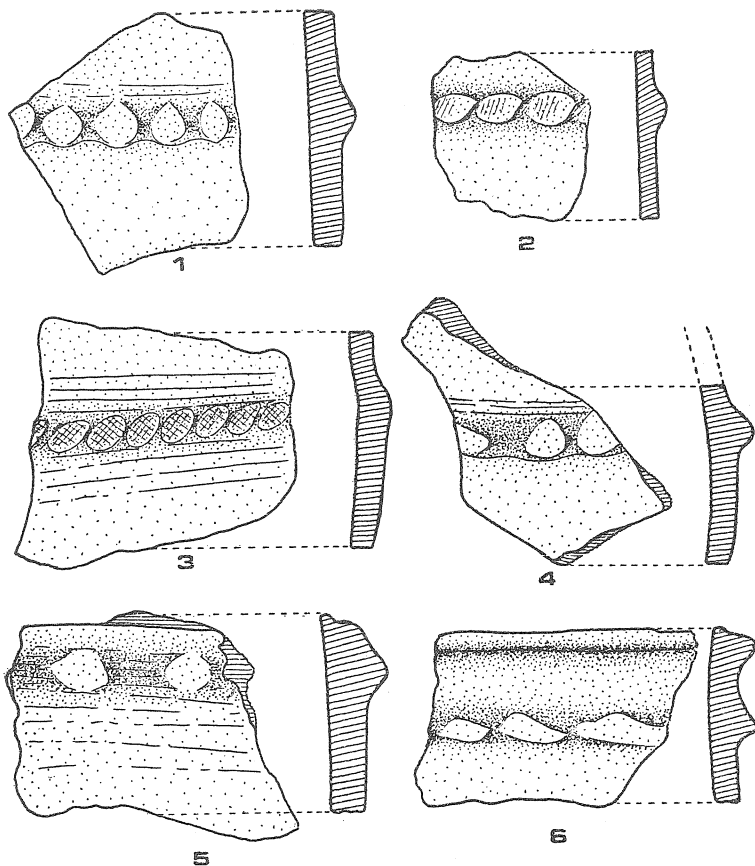


Fig. 3 — Fragmentos de cerâmica com cor, espessura e ornamentação diferentes.

Em resumo, foi o seguinte o material recolhido: três cossiros; quatro pedaços de escória; um fragmento de vidro transparente, não colorido; um fragmento de vidro transparente, esverdeado; numerosos ossos; 256 fragmentos de cerâmica.

Muitos destes fragmentos, pela sua cor, espessura e outras características como, por exemplo, o tipo de ornamentação

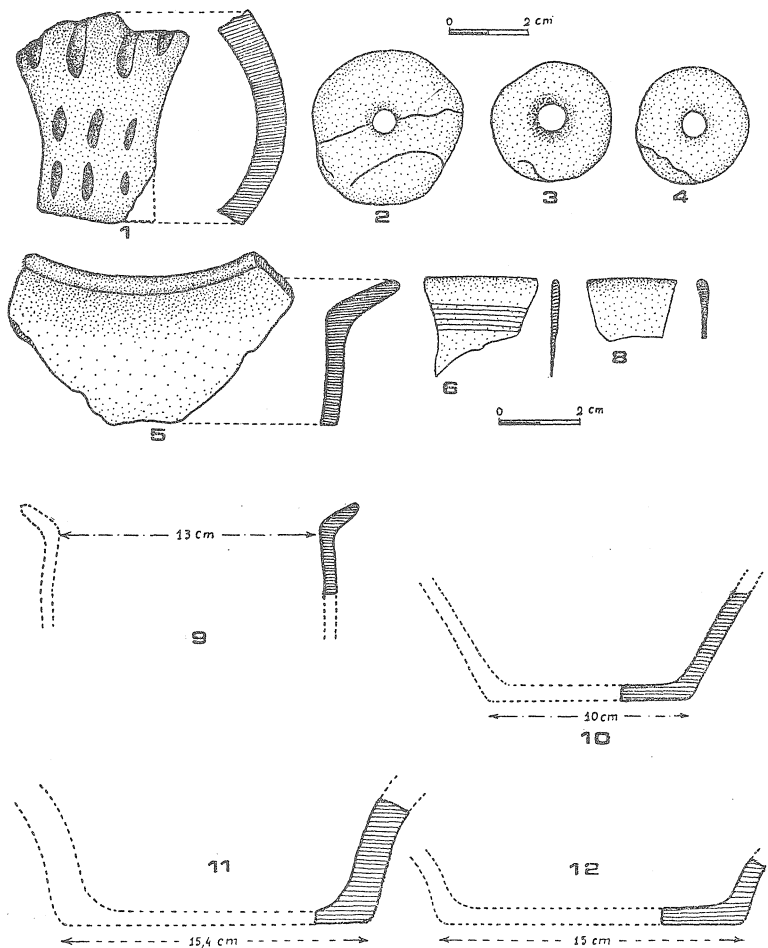


Fig. 4 — Três cossoiros, seis fragmentos de cerâmica e dois fragmentos de vidro.

pertencem, incontestavelmente, ao mesmo vaso sendo talvez, possível, fazer reconstituições parciais.

De todo este material recolhido merecem uma referência especial os seguintes exemplares (Figs. 2, 3, 4 e 13).

Fragmento de uma asa ornamentada com 10 fossetas alongadas. É de cor acinzentada, clara, com uma espessura média de 8 mm.

Cossoiro de cor acinzentada, formado por dois fragmentos, com um diâmetro de 4 cm e uma espessura máxima de 1 cm.

Cossoiro de cor acinzentada, com 3 cm de diâmetro e 7 mm de espessura.

Cossoiro de barro vermelho, com as superfícies correspondentes às duas faces lisas e brilhantes. Este pormenor parece indicar que ele foi modelado a partir de um fragmento de um vaso com tais características. O seu diâmetro é de 2,8 cm e a espessura de 6 mm.

Fragmento de um bordo, de cor acinzentada, pertencente a um vaso cujo diâmetro da boca é, aproximadamente, de 13 cm.

Fragmento de um bordo de um vaso de vidro de cor amarelo-esverdeada. A espessura máxima, no bordo, é de 2,5 mm.

Fragmento de um vaso de vidro branco, transparente. É o primeiro exemplar que aparece com tais características. A espessura máxima, no bordo, é de 3 mm.

Fragmento do bordo de um vaso com um diâmetro da boca de, aproximadamente, 13 cm.

Fragmentos de fundos de três vasos, cujos diâmetros basais externos têm, aproximada e respectivamente, 10 cm, 15,4 cm e 15 cm.

Seis fragmentos de cerâmica com espessuras, cor e ornamentações variadas, pertencentes a vasos diferentes.

Três fragmentos de cerâmica pertencentes a vasos diferentes, como facilmente se reconhece pela espessura, pela cor e pelo tipo de ornamentação. A ornamentação corresponde a uma estreita faixa em anel um pouco abaixo da boca de cada um dos vasos.

Entre todos os fragmentos de cerâmica encontrados merece referência especial um (o maior de todos, mas cuja



Fig. 5—A muralha central, entre as portas E e N, no início da fase de reconstrução.



Fig. 6—Um aspecto dos trabalhos de reconstrução da muralha central entre as portas E e N.



Fig. 7 — A muralha central, entre as portas E e N no final dos trabalhos (régua = 40 cm).



Fig. 8 — Imagem parcial da muralha central, entre as portas E e N no final dos trabalhos.

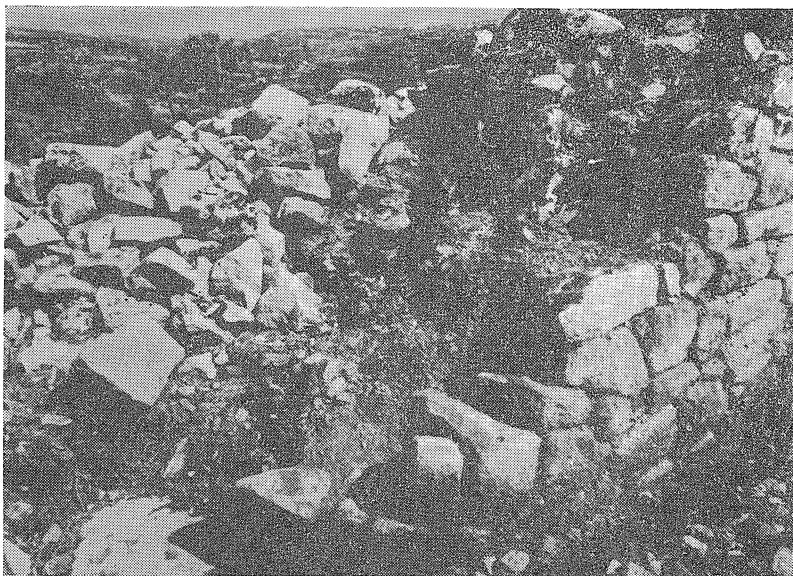


Fig. 9 — Pormenor do remate interno da muralha central, entre as portas E e N.

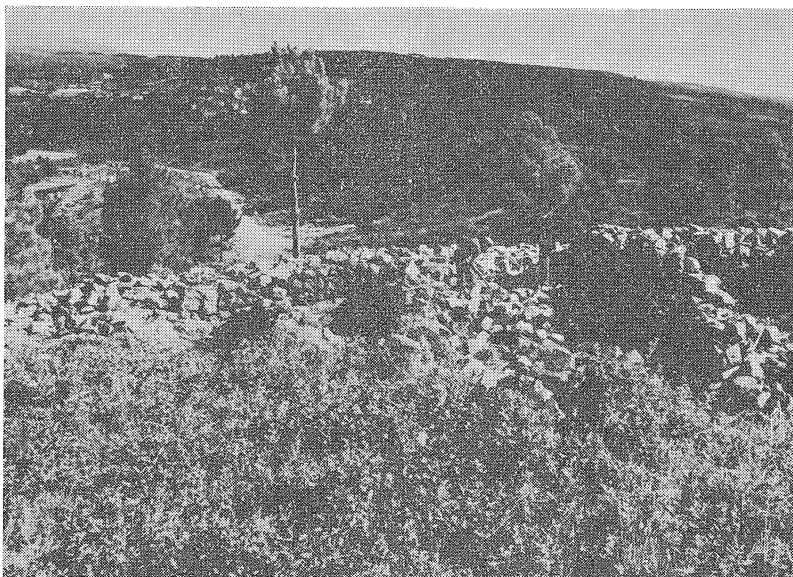


Fig. 10 — Aspecto do recinto interior da muralha central, entre as portas E e N, assinalando as casas entestadas na muralha, postas a descoberto. Os dois homens encontram-se no local onde foi posto a descoberto o remate a que se referem as figuras 1, 9, 11 e 18.

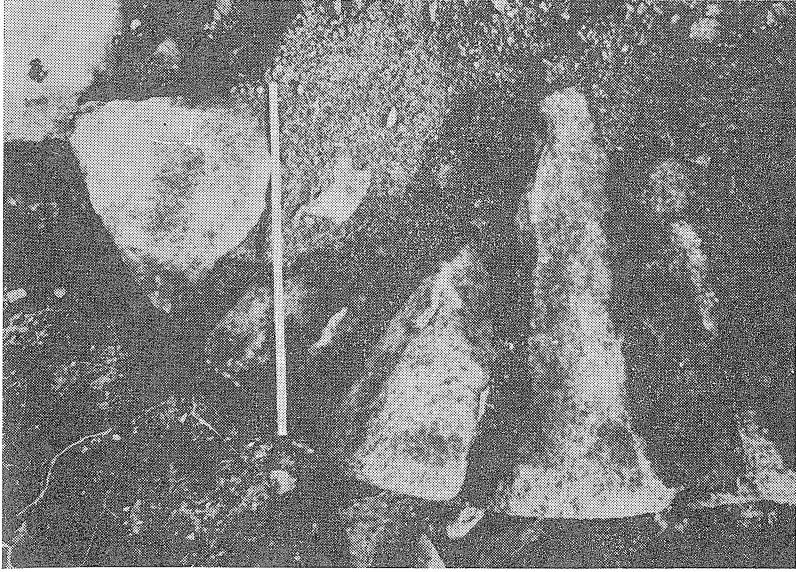


Fig. 11 — Pormenor da base do remate encontrado na face interna da muralha central entre as portas E e N.

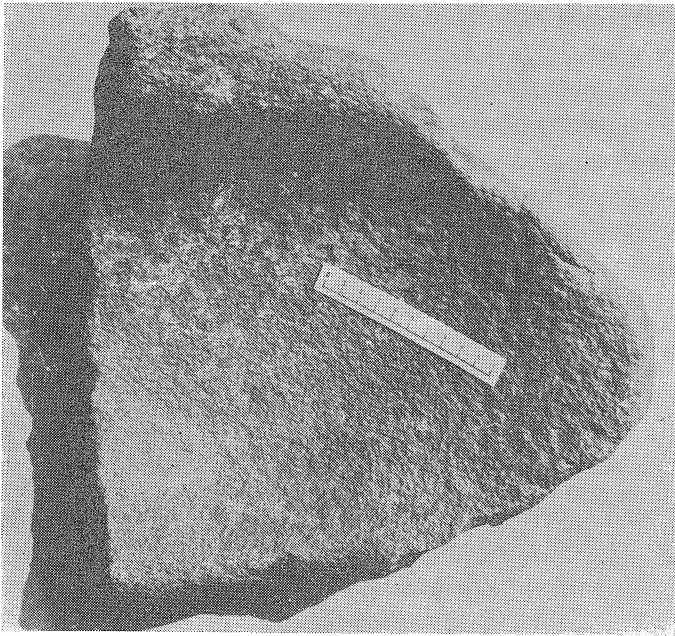


Fig. 12 — Pedra de granito: mó jacente de moinho manual.

fotografia e esquema não nos foi possível apresentar) de cor cinzento-escuro, de grande espessura, referente à parte de um fundo e porção lateral de um vaso de grandes dimensões. O exame macroscópico deste fragmento mostra-nos, em toda a sua espessura, duas faixas de tonalidades diferentes; uma, externa, mais clara e outra, interna, mais escura. Esta parece ter resultado da absorção de qualquer líquido que a vasilha conteve.

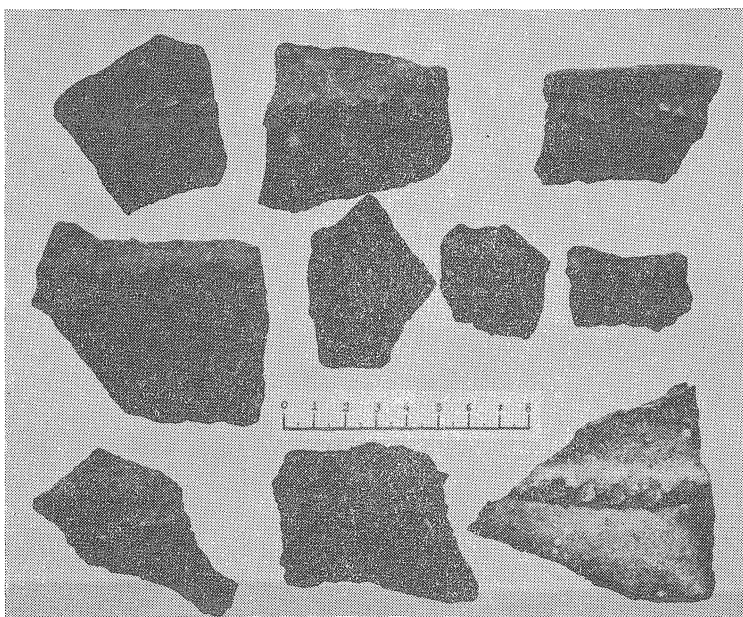


Fig. 13 — Alguns fragmentos de cerâmica pertencentes a vasos diferentes.

A nosso pedido, o Doutor Celso Gomes, Professor da Universidade de Aveiro (Geociências) procedeu à análise de cada uma das faixas do referido vaso. Por esta prestimosa colaboração os nossos agradecimentos muito sinceros pelos dados analíticos que nos ofereceu (A.M.F.) e foram os seguintes:

Dados analíticos do fragmento

«Material composto por areão e areia que se admite provenientes da desagregação de rochas graníticas ou granitóides (quartzos, feldspatos e micas) dispersos numa matriz constituída por carvão vegetal moído e escassa argila.»

Embora os dados analíticos nada nos adiantem sobre a espécie de líquido que este recipiente conteve, eles referem a sua composição mineral e cremos que podem ser valiosos elementos de estudo, quando comparados a outros que, de futuro, sejam obtidos.

De todos estes dados analíticos constituem para nós uma surpresa a presença, na matriz, de *carvão vegetal moído* (principalmente), enquanto que a fase «argila» está muito fracamente representada.

Planta topográfica do Castro da Curalha

O Instituto Português do Património cultural concedeu um subsídio de 30 000\$00 esc. para a carta topográfica do Castro da Curalha, o que, mais uma vez, se agradece.

Tomou o encargo de a fazer o Sr. Armando Rua, topógrafo da Câmara Municipal de Chaves.

Insistentemente pedido para nos enviar (S. J.) uma ou duas cópias, só na 2.^a quinzena de Outubro, quando pude fazer a 2.^a tarefa de trabalhos na Curalha é que me entregou (S. J.) a cópia que vai reproduzida na Fig. 15.

Foi pena que não tenha figurado, em curvas de nível, a faixa de cerca de 100 m à roda do castro, a contar da segunda muralha, e que constituiria a zona de protecção daquele monumento arqueológico, que, pelos resultados das sete campanhas de trabalhos feitos, tem acrescido a sua importância sob vários aspectos e, nomeadamente quanto à arquitectura castreja.

No que respeita a este particular, há que realçar as 15 casas, até agora assinaladas, encostadas à muralha, e das quais esta é parede fundeira. Tudo leva a crer que mais casas

deste tipo virão a ser descobertas. Também merecem realce o arruamento que vai da porta do lado leste até junto do pinheiro manso, e a fiada de 5 casas, de paredes meiras, em alinhamento NE-SW, entre a porta do lado N e a do lado SW. É uma espécie de pequeno bairro.

São 8 as rampas de acesso, até agora descobertas e que não figuram na carta topográfica.

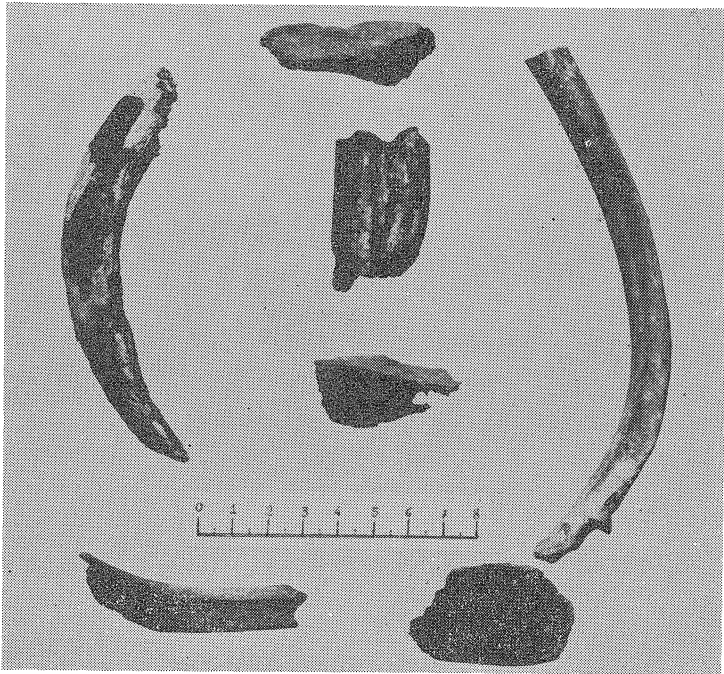


Fig. 14 — Alguns ossos encontrados junto da face interna da muralha central, entre as portas E e N. Entre eles, um canino (à esquerda), um molar (ao centro) e uma costela (à direita).

Com o prosseguimento das campanhas e sobretudo com a possibilidade de se conseguir maior número de jornaleiros e algum pedreiro, estamos certos de que a importância do Castro da Curalha, irá crescendo e o valor científico das descobertas nele já feitas e as que virão a fazer-se, trará novos

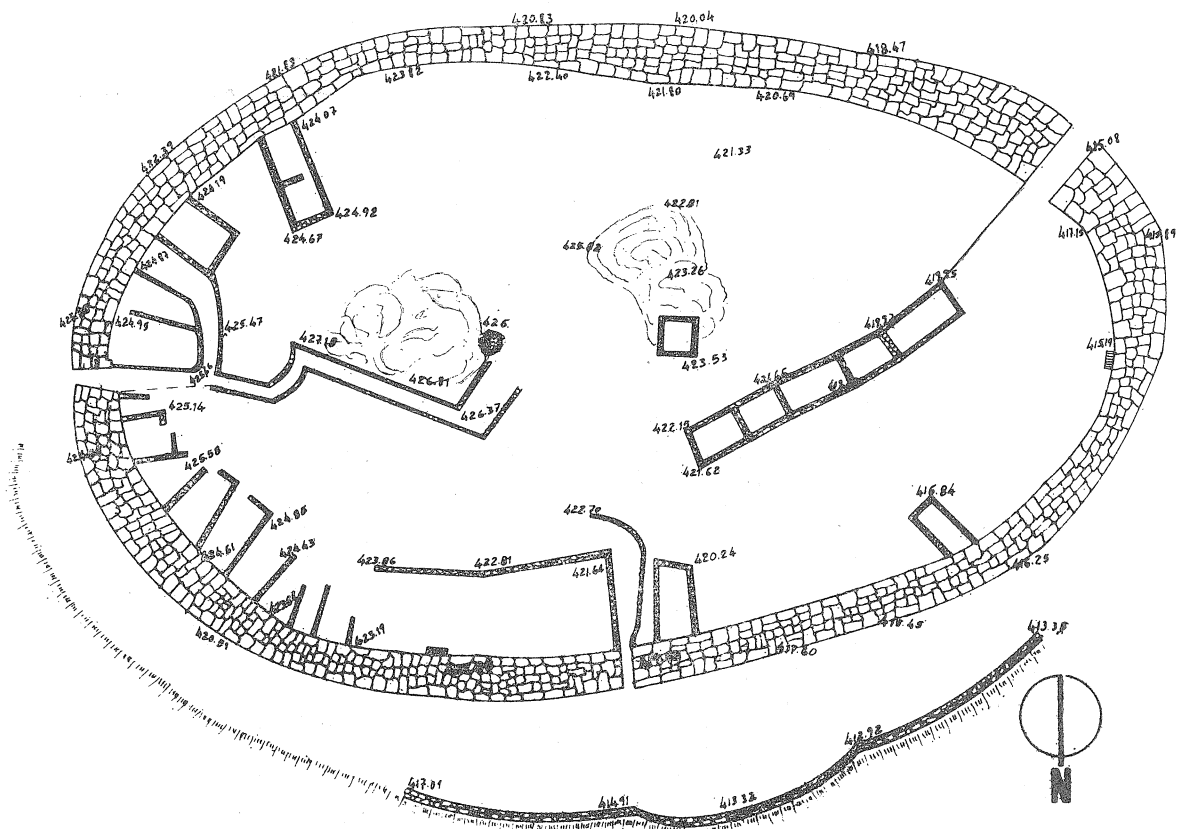


Fig. 15—Planta do Castro da Curalha feita pelo topógrafo flaviense Sr. Armando Rua. Escal. 1/500.

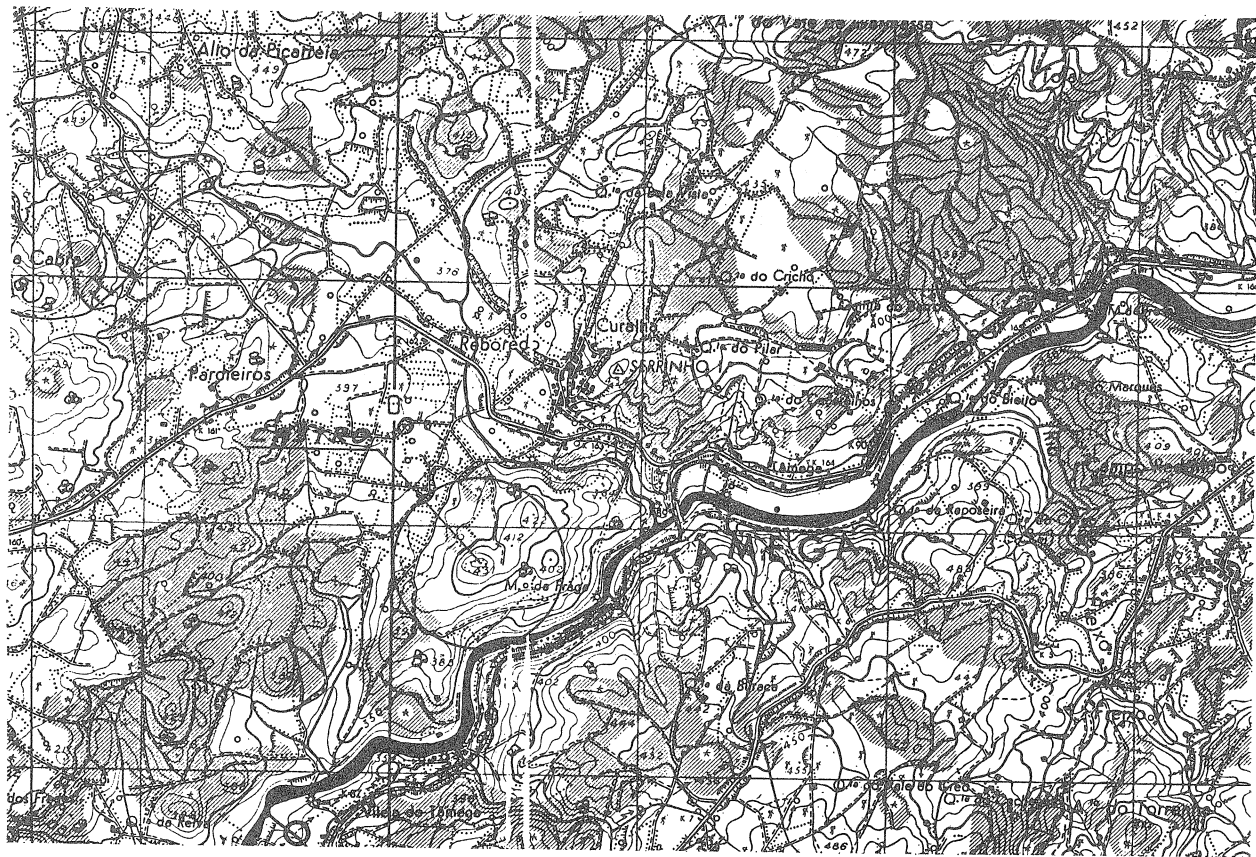


Fig. 16 — Localização do Castro da Curalha na carta de 1/25.000.

e valiosos elementos para o estudo e esclarecimento de muitos dos problemas da cultura castreja ainda por resolver.

A necessidade e vantagens de carta topográfica de um castro, é indiscutível. No entanto parece que a oportunidade de elaboração da mesma deve ser num estado adiantado das escavações, ou mesmo ao rematar a descoberta total dos traços gerais ou fundamentais, embora ainda possa haver certas particularidades de pormenor, de que depois terá de se dar conta.

Moedas encontradas no Castro da Curalha até Setembro de 1981

Todas as moedas encontradas, até esta campanha, no Castro da Curalha, foram classificadas pelo Doutor Senhor Rui Manuel Sobral Centeno, Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que amavelmente acedeu ao nosso pedido para a realização de tal tarefa. Por esta prestimosa colaboração expressamos os nosso agradecimentos muito sinceros.

O número de moedas encontradas, por nós, é de 6 e a sua classificação a seguinte:

MOEDA N.º 1

Nummus — Imperador ilegível.

Atelier: ilegível — Cron.: 335-40.

Anv.) Ilegível — Busto à direita muito deteriorado.

Rev.) [Gloria E]X[E]rcitus] — (1 estandarte).

MOEDA N.º 2

Nummus de Constantius II ou Constans (moeda fragmentada).

Atelier: ilegível — Cron.: 347-8.

Anv.) Ilegível — Busto laureado (?) à direita, muito deteriorado.

Rev.) [Victoriae] DD AVGGQNN



MOEDA N.º 3

Nummus de Constans.

Atelier: Treveri — Cron.: 347-8.

Anv.) [Constan] — S PF AVG — Busto à direita com diadema de rosetas, couraça e manto.

Rev.) [Victorial] E DD AV [g g q n n].

M

[TR?]

Ref.) J.P.C. KENT, *The Roman Imperial Coinage*, VIII Londres, 1981, n.º 182.

MOEDA N.º 4

Æ 3 de Constantius II.

Atelier: ilegível — Cron.: 354-357/8.

Anv.) [Dn Constan-tius p. f. aug] — Busto à direita com diadema de pérolas, couraça e manto.

Rev.) Ilegível — Tipo Fel Temp Reparatio (variante FH3).

MOEDA N.º 5

Æ de Constantius II? (moeda fragmentada).

Atelier: ilegível — Cron.: 354-357/8.

Anv.) Ilegível — Busto à direita muito deteriorado.

Rev.) Ilegível — Tipo Fel Temp Reparatio (variante FH3).

MOEDA N.º 6

Æ 3? de Constantius Gallus ou Julianus Caesar (moeda fragmentada).

Atelier: ilegível — Cron.: 354-361.

Anv.) DN [...] — Busto à direita descoberto e com couraça e manto.

Rev.) Totalmente deteriorado.

O Castro da Curalha encontra-se a pequena distância da povoação do mesmo nome, situada na estrada Chaves-Braga, a cerca de 7 km da primeira cidade. A partir de 1974, ano em que iniciámos os trabalhos de limpeza, a sua presença passou a estar devidamente assinalada por uma placa colocada pela Direcção Geral das Estradas (Vila Real) junto da estrada nacional. A construção de um campo de futebol nas proximidades do Castro levou ao rompimento de um estradão que, embora de piso um tanto irregular, permite o acesso fácil a qualquer veículo automóvel.

Devido a tudo isto, não é pois de admirar que o Castro comece a ser conhecido e alvo de um grande número de visitas, sendo de assinalar a presença de estrangeiros com relativa frequência.

Só no decorrer desta campanha fomos visitados por 23 pessoas, cujos nomes, profissões e moradas registei, sendo: 19 portugueses; 2 espanhóis e 2 suíços.

Não podemos deixar de assinalar, também, que o Castro da Curalha tem sido lugar escolhido para visitas de estudo de professores com os respectivos alunos, principalmente da Escola Secundária Fernão da Magalhães de Chaves.

Guimarães — Outubro de 1982.

Tarefa em Outubro de 1981 por J.R.S.J.

Também neste ano de 1981 os trabalhos no Castro da Curalha tiveram de fazer-se em duas tarefas.

A segunda ficou a meu cargo (S. J.), e fez-se na 2.^a quinzena de Outubro.

Em 15 de Outubro cheguei a Chaves.

No dia 16 fui à Curalha para contratar pessoal jornaleiro, para, especialmente, se cortar o mato no recinto cimeiro intra-muralha.

Ficou o tratado combinado com 3 raparigas a 400\$00 por dia, e a começar a trabalhar na segunda-feira, dia 19.

No dia 17, sábado, aproveitei aquele dia em que não havia trabalho no Castro, fui a Mairos para cumprimentar o Rev.º P.º Delmino Rodrigues Fontoura, Pároco da freguesia de Mairos. Ia combinar com ele a possibilidade da minha ida ao Outeiro do Salto, em termo de Mairos, na linha da fronteira, outeiro onde vira e estudara sumariamente os sinais gravados na Pedra do Outeiro.

Dos sinais insculpidos dei pequena amostra no trabalho *Arte Rupestre*, comunicação apresentada ao «I Congresso do Mundo Português» — *Congresso de Pré-História e Proto-História*, Lisboa, 1940, págs. 327-376, 26 Figs.

Importa fazer o estudo integral do notável grupo de gravuras do Outeiro do Salto, nos Castelanchos, na linha da fronteira da freguesia de Mairós com a Galiza. Oxalá o possa fazer em conveniente oportunidade.

No dia 19, como se combinara com as raparigas abordadas no dia 16, fui ao Castro da Curalha, mas as raparigas não apareceram.

De 20 a 24 tive de vir ao Porto onde estive de 21 a 24, pelo que estes cinco dias independentes, isto é, sem ligação com assuntos da campanha arqueológica, não entraram no serviço da tarefa.

Em 25 de Outubro regresssei a Chaves.

Na tarde deste mesmo dia fui à aldeia da Curalha e contratei novo pessoal jornaleiro, também 3 raparigas.

Soube que a falta do pessoal na semana passada foi terem considerado insuficiente a geira de 400\$00 que, aliás, ficara combinada.

As raparigas agora contratadas não iam a menos de 500\$00 por dia. E assim teve de ficar assente o novo contrato. Cada ano que passa mais caras são as geiras e é mais difícil conseguir pessoal jornaleiro.

Trabalhou-se nos dias 26, 27, 28, 29 e 30. Pelo tempo agreste de nevoeiro denso e chovisquento não se trabalharam algumas manhãs.

Prosseguiu-se no corte e arranque do mato.

Pegou-se fogo a uma parte da faixa intra-muralha do lado norte, onde se queimou algum mato.

Ali se acharam as ruínas de uma casa que se me afigurou rectangular com 10 m de comprimento por 6,5 a 7,5 nas paredes laterais (Figs. 23 e 24). Estas provavelmente irão entestar na muralha.

O grande montão de pedras junto do caminho paralelo à muralha não permitiu esclarecer o possível entestamento à muralha, como é de norma em muitas casas adjuntas à muralha.

No refazimento da muralha que faz de parede fundeira às casas nelas atestadas (Fig. 10) o Dr. Adérito Medeiros Freitas

achou um saliente em redondo (Fig. 18) na face interna da muralha, a seguir à fiada de casas que segue à direita, isto é, para norte da porta leste do Castro.

Limparam-se do mato as 4 casas que se seguem para sul da porta leste do Castro. Casas entestadas à muralha e de paredes meeiras (Figs. 19, 20 e 21).

Prosseguiu-se no corte e arranque do mato na vertente este-sudeste intra-muralha.

No dia 30 descobriu-se uma casa rectangular de paredes muito arruinadas, indicadas por umas fiadas de pedras soltas. Afastaram-se bastantes daquelas pedras soltas numa extensão de cerca de dez metros, o que pôs a descoberto a base da parede em perfeito estado de conservação.

A casa é, como disse, rectangular com uns 10 m de comprimento por uns 6 a 7 de largura. Estas medidas são aproximadas, pois nem sempre foi possível topar a base íntegra das paredes.

No mesmo dia 30 descobriu-se outra casa no mesmo alinhamento N S da casa anterior. Estas duas casas têm posições diametralmente opostas. A anterior perto (talvez entestada?) na muralha do lado N, a segunda casa quase encostada à muralha do lado S. Esta dividida em dois compartimentos.

O primeiro, com 5,10 m de comprimento por uns 3,30 m de largura, está separado do 2.º compartimento por um pequeno troço de parede, com 2,75 m de comprimento e largura de 90 cm, deixando uma passagem de comunicação entre os dois compartimentos, com uma largura de 50 a 60 cm.

Num dos topos ainda se pôs a descoberto cerca de dois metros de comprimento por 70 a 80 cm de altura da base da parede fundeira do 2.º compartimento.

Numa próxima campanha impõe-se descobrir as partes íntegras da base das paredes e refazê-las com as muitas pedras delas caídas do lado de dentro e de fora da casa.

Iniciou-se o isolamento da casa limpando o mato à roda da mesma.

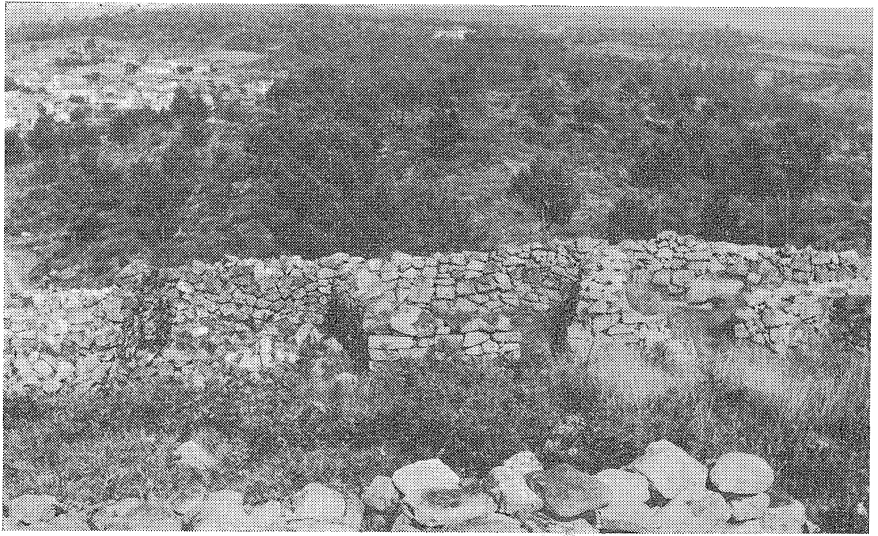


Fig. 17 — Algumas casas a estestar com a muralha, que lhe forma parede fundeira, depois de limpas do mato.



Fig. 18 — Pormenor de um saliente em redondo da face interna da muralha.

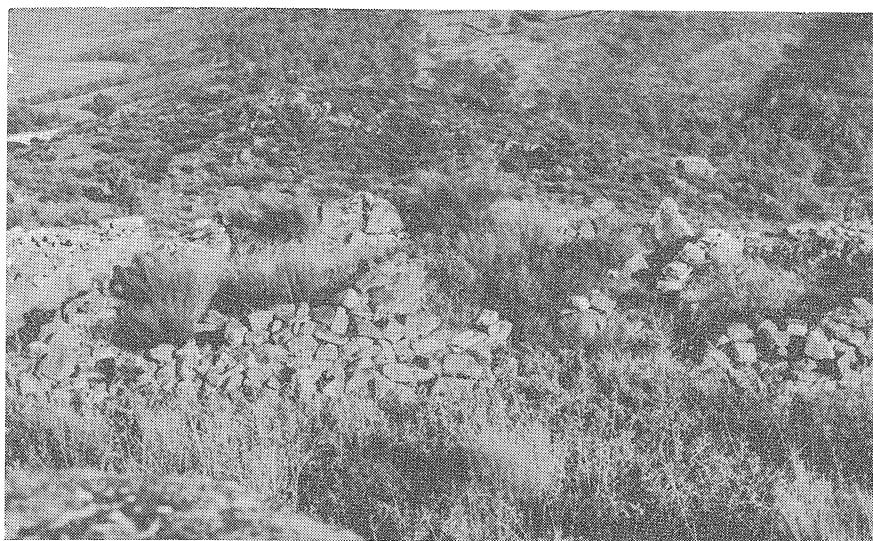


Fig. 19 — Casas, a sul da porta leste da muralha, tapadas pelo mato.

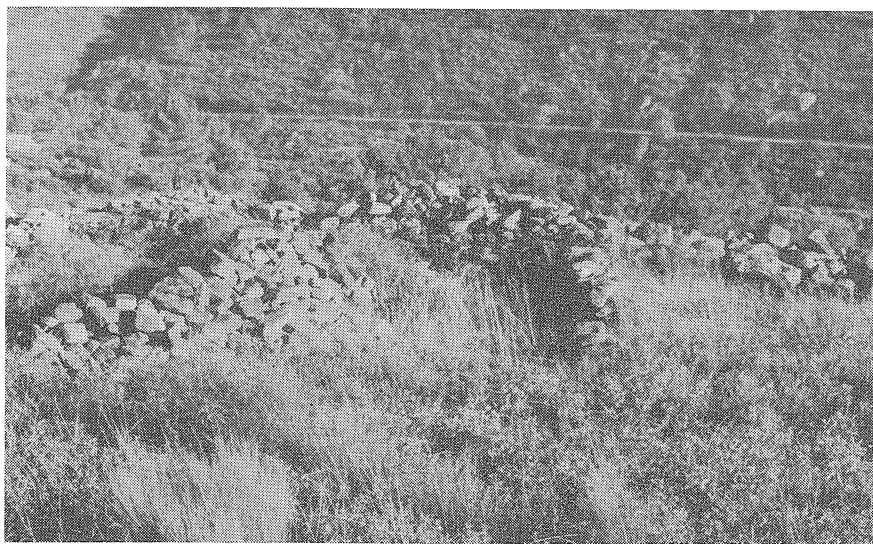


Fig. 20 — Duas casas menos tapadas pelo mato e de paredes esbroadas. No 2.º palmo a encosta da margem esquerda do Rio Tâmega com a linha férrea da Régua a Chaves.



Fig. 21 — As casas de 2 figs. anteriores depois do corte do mato.



Fig. 22 — Portelo de acesso ao alto dos penedos adjacentes pelo nascente, ao pinheiro manso. Portelo que foi reconstruido por terem sido parcialmente derribadas algumas pedras. A bengala mede 82 cm.



Fig. 23 — Alinhamento de pedras com 10 m de comprimento que indicam a parede fronteira de uma ou mais casas.



Fig. 24 — Alinhamento de pedras com 6,5 a 7,5 m de comprimento da parede lateral, do lado poente, da casa da figura anterior.

VISITA DE ESTUDO DE ALUNOS DO LICEU DE CHAVES

No dia 30 o castro foi visitado por cerca de 100 alunos do 11.º ano de escolaridade do Liceu Fernão de Magalhães de Chaves. A visita foi organizada pela distinta professora Sr.ª Dr.ª D. Adília Verdelho.

Com os 100 alunos, rapazes e raparigas, vieram, além da sua organizadora, mais 5 professores do liceu.

Num recanto do amontoado cimeiro dos penedos do castro tive de improvisar uma lição sobre os castros, e cultura castreja.

Referi as estruturas defensivas dos castros, muralhas, fossos, e pedras fincadas; tipos das suas habitações, casas circulares e rectangulares de cantos arredondados; portas das casas e sua cobertura; vida social dos castrejos, pastoreio; cerâmica típica, micácea; armas, lanças, espada curta e escudo redondo, como se vê nas estátuas dos guerreiros lusitanos, duas das quais aparecidas no Castro do Lesenho, do vizinho concelho de Boticas; fíbulas e fivelas de bronze; jóias de prata e de ouro, pulseiras, colares e torques (aludi ao notável torque de ouro do castro do Monte de Nossa Senhora da Assunção de Vila Flor ⁽¹⁾, que é a mais bela jóia áurea da arqueologia de Portugal; referi-me às fíbulas de prata do Museu de Chaves ⁽²⁾).

Terminei com breves considerações do vestuário dos castrejos e alguns aspectos da sua vida social.

No colóquio final alguns professores e alunos fizeram perguntas a que respondi como pude e soube. Foi um grato e ameno colóquio.

(¹) J. R. dos Santos Júnior & Osvaldo da Silva Freire, *O torque de Vilas Boas (Vila Flor)*, in «Revista de Guimarães», fasc. 1-4, vol. LXXV, Barcelos, 1965 20 págs. e 4 figs.

(²) J. R. dos Santos Júnior — *As fíbulas de prata do Museu de Chaves*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», fasc. 4.º do Vol 23, Porto, 1980, pág. 599-607, 2 figs.